

DESENVOLVIMENTO LOCAL DA FRUTICULTURA – a produção de amora sem agrotóxicos no município de Paula Freitas

Carla Adriana Berdnachuk¹

Resumo

O presente trabalho apresenta o interesse de identificar e analisar a produção de amora nas propriedades familiares da comunidade do Carazinho-Paula Freitas-PR, buscando selecionar aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos que a caracterizam. Analisa-se também como a formação de associações populares de agricultores familiares podem contribuir para desenvolver o local através da agregação de valor dos produtos cultivados em cada propriedade e sua comercialização. As relações que são produzidas nesse território e as redes de comercialização da produção. Para a realização da presente pesquisa convencionou-se realizar um levantamento de dados, pesquisas bibliográficas, eletrônicas e observação de determinados elementos, além de contato com os agricultores da comunidade e o técnico da EMATER. A produção de amoras na comunidade foi uma forma encontrada de agregar valor aos produtos cultivados sem utilizar agrotóxicos, e cultivada em uma pequena área da propriedade é uma fonte de renda e fonte de socialização entre os agricultores associados a “Agro-Unidos Carazinho”.

Palavras-chave: Associação popular, agricultura familiar, amora.

Introdução.

A presente pesquisa, realizada com a categoria dos agricultores familiares da comunidade, busca selecionar e analisar aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos que caracterizam a produção familiar na comunidade do Carazinho, município de Paula Freitas-PR, e a produção de amora (safra 2003/2017), sua implantação no município, além, da formação de associações populares de agricultores familiares que podem contribuir para desenvolver o local através da produção de alimentos. Parte-se do viés de abordagem de desenvolvimento territorial, explicitando-se o sistema “orgânico” de cultivo da amora na localidade e as redes de produção e comercialização, já que toda e qualquer produção é verificada a partir das redes que a compõem, desde a sua compra de mudas, acesso a informação técnica, produção, compra e comercialização para o consumidor final.

Para a realização deste estudo convencionou-se realizar um levantamento de dados, pesquisas bibliográficas, eletrônicas e observação de determinados elementos através de visitas *in loco*, além de entrevista com os agricultores selecionados da comunidade. A produção de amoras orgânicas na comunidade foi uma forma encontrada de agregar valor aos produtos cultivados sem utilizar agrotóxicos, e cultivada em uma pequena área da propriedade

¹ Mestranda em Gestão do território - Universidade Estadual de Ponta Grossa- PR.
Endereço eletrônico: cberdnachuk@gmail.com

é uma fonte de renda e de socialização entre os agricultores associados à associação de agricultores da comunidade denominada “Agro-Unidos Carazinho”.

A importância da diversificação na propriedade é verificada quando se observa que há uma multiplicidade de relações desencadeadas por essas redes, sendo sociais, culturais, com uma atenção positiva ao meio ambiente. São agricultores que se unem, a partir da agricultura, em busca de benefícios comuns, com estratégias e interesses particulares para a sobrevivência e produção.

Desenvolvimento da fruticultura

O papel que a agricultura exerce vai além da função produtiva, se considerar as suas múltiplas funções: social, ambiental, econômica, cultural e coletiva, e a vinculação em algum tipo de associação popular de agricultores passam a se tornar cada vez mais evidentes. Com o grande processo de modernização da agricultura, a mesma passa a se beneficiar das novas tecnologias e os progressos científicos, isso ocasionou uma maior produtividade em porções de terras menores (SANTOS, 2012). Com tal avanço, algumas estruturas agrárias foram sendo modificadas e novos elementos foram surgindo, nesse meio de desenvolvimento diversificado, como as associações de agricultores vinculados as agroindústrias.

Pensando-se o espaço como uma totalidade a ser investigada, o campo pode ser caracterizado pela intensidade dos vínculos locais. A agricultura é a “arte da co-produção que traz a tona laços de relação entre homem e natureza” (PETERSEN, 2009, p. 09). O ser humano se relaciona se apropria, se organiza no espaço, este, no conceito utilizado pela Geografia, é algo dinâmico podendo ser estudado considerando-se outros aspectos que são localizados e observados na dimensão temporal ou espacial. Os grupos sociais que são localizados passam a compor o local e sua estruturação no território. O lugar é apenas uma pequena parte do espaço onde se relacionam vários objetos e conteúdos ligados por determinados componentes.

Ao longo do tempo essa categoria passou por inúmeras transformações espaciais, principalmente com o aprofundamento das relações capitalistas no campo. No meio rural, hoje, “se encontram atores sociais que estão em permanente transformação na sua relação com a modernidade” (BASTOS, 2006, p.26). Essa modernidade trouxe ao agricultor a necessidade de cada vez mais se inserir nas redes locais e regionais de produção. Ao definir

redes, Fachinetto (2009, p. 46), explica-as como sendo “instrumentos apropriados para a economia capitalista, as organizações do campo funcionam melhor quando possuem conexão com outras estruturas organizacionais”, tais redes podem chegar a proporcionar melhores preços e maior segurança de renda.

Na história das civilizações, as formas de apropriação territorial transformaram-se de simples identificação simbólica do território como morada, para territórios dominados pela conexão das redes. Expressam-se pelo movimento de fixos e fluxos, essas relações são produto do trabalho. Com as mudanças no processo de desenvolvimento, colocadas pelo sistema da globalização, as transformações se acentuaram e tornaram-se evidentes as discussões, como afirma Souza (2009, p. 466), “ a globalização e os fenômenos com ela direta ou indiretamente articulados” põem em evidencia práticas espaciais em diferentes escalas e redes.

Enquanto grandes propriedades buscam uma economia de escala, produzindo e exportando grandes quantidades de produtos agrícolas, as pequenas (e médias) unidades de produção buscam integrar atividades, concorrendo com o mercado local ou regional e buscando valorizar os seus produtos. Esse modo de produção cultiva alimentos que são básicos da alimentação humana. A agricultura familiar é destaque no papel da diversificação das atividades econômicas e na promoção do desenvolvimento de pequenos e médios municípios (SIMONETTI, *et al*, 2011).

Nas últimas décadas, o Brasil viu assentar um processo de transformação no meio rural, levando-se apenas em consideração a produção em larga escala de monoculturas e a ascensão da grande propriedade. Porém, nos anos recentes os estudos a cerca das formas familiares de produção começaram a ganhar destaque, assim como se avançou no processo de desenvolvimento rural.

Para melhor se definir uma propriedade rural como praticante da agricultura familiar, faz-se uso da lei nº. 11.326, de 24 de julho de 2006, que conceitua agricultura familiar como aquela que:

I Não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; II utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua própria família [...], (CENSO AGROPECUARIO IBGE, 2006).

A agricultura familiar é uma forma de desenvolver o local, reconectar-se social, econômica e ecologicamente com o desenvolvimento e onde os agricultores de uma determinada região podem ser protagonistas de uma contínua transformação de seus lugares, “é um universo profundamente heterogêneo, seja em termos de disponibilidade de recursos, acesso ao mercado, capacidade de geração de renda e acumulação” (BUAINAIN, ROMEIRO, GUANZIROLI, 2003, p. 321). O envolvimento dos produtores, coletivamente, nos programas das organizações locais, ajuda na inserção do mercado como forma de manter a relação e ampliar a sobrevivência, utilizando mão de obra própria, e fazendo uso dos recursos que a família possui para garantir renda.

Observa-se que as associações de agricultores estão ganhando cada vez mais espaço e influenciando positivamente na renda do agricultor. Existem formas que podem ser utilizadas pelo agricultor familiar, onde, existe a agregação de valor. São produtos agrícolas que inseridos na propriedade, geram renda extra para o agricultor e sua família. Comunidades e municípios pequenos estão buscando o desenvolvimento local através dessas associações ou agroindústrias, que transformam, beneficiam, processam, comercializam ou apenas armazenam o produto. Tais associações, que são ligadas a algumas agroindústrias regionais, agregam valor às matérias-primas produzidas no campo.

A busca pela diversidade nas produções agrícolas é sem dúvida, uma tendência que vem crescendo nos últimos anos. Os produtores se organizam socialmente para participar das atividades locais por meio de associações locais vinculadas a algum tipo de mercado.

A comunidade do Carazinho é um espaço concebido, havendo estratégias de organização para manter essa comunidade. Segundo Haesbaert (2008), o território é um *continuum* de relações demandadas entre os diversos sujeitos que ali se relacionam e o controle que cada um exerce. Os sujeitos atingidos por essa pesquisa se localizam num território composto de complexas territorialidades. Para Sack (2011, p. 76) a territorialidade “é uma estratégia para estabelecer diferentes níveis de acesso a pessoas, coisas e relações”. É a profundidade das relações sociais que o estudo do território não abarcou. Sack (2011) ainda defende três condições da territorialidade que são observadas em todas as sociedades, sendo, a delimitação territorial, a comunicação entre os indivíduos e o controle das ações.

A comunidade se localiza no município de Paula Freitas, ao extremo sul do Estado do Paraná, na região leste do município, divisa com Paulo Frontim, tendo a sua economia baseada nos ciclos do tropeirismo, erva mate e madeira. A organização desse espaço é

verificada na perspectiva da imigração estrangeira, com poloneses, ucranianos e alemães, principalmente. Apresenta uma população de aproximadamente cinco mil habitantes distribuídos igualmente entre o meio rural e o urbano.

A associação implantada na comunidade do Carazinho no ano de 2003 tem como princípios a participação de todos os membros nas tomadas de decisões, autonomia frente a outras instituições, contribuição para desenvolver a comunidade e a produção de cultivos agrícolas orgânicos. É uma forma encontrada de desenvolver a comunidade e, segundo Santos (2005, p. 48), esse tipo de desenvolvimento gera “estratégias econômicas autônomas, implicando na construção de um poder comunitário”. O grupo de agricultores tem a capacidade de constituir suas próprias leis, autogovernar-se, livre das decisões das hierarquias externas (SOUZA, 2009).

As decisões do grupo influenciam um aos outros, e quando, “delibera-se em condição de plena liberdade sobre certas regras, por exemplo, o uso do solo e fruição de recursos-, o poder é compartilhado por todos os participantes” (SOUZA, 2009, p. 69). As associações populares garantem ao agricultor relativa força para lutar frente às imposições do capitalismo e as adversidades encontradas quando devem ser seguidas as normas do capital, fazem com que apareça uma autonomia por parte dos agricultores.

A intervenção das associações de desenvolvimento local [...] no setor de transformação, promoção e comercialização de produtos locais de qualidade contribui para viabilizar a produção agrícola com uma preocupação de qualidade alimentar, criar laços entre os produtores e consumidores e ligar os produtos aos territórios. [...] (TUBALDINI, 2007, p.310).

A cultura da amora, primeiro produto a ser produzido pelos agricultores ligados a associação, é caracterizada por se adaptar aos solos e clima da região e obter rendimento, que continua viabilizando a sua produção e a entrada de novos produtores na associação. Utiliza-se de pouca área agricultável para o seu plantio, não há necessidade de contratação de mão de obra para o seu cultivo ou colheita, sendo cultivada por agricultores caracterizados como familiares.

É referenciada pelos agricultores como produção orgânica, mas ao analisar os aspectos de uma produção orgânica e ao mesmo tempo analisar a produção de amora da comunidade, percebe-se que o uso de agrotóxicos é proibido nos pomares de amora, mas, nenhum cuidado é tomado em relação a culturas vizinhas como a soja por exemplo. É um problema a ser resolvido sobre a denominação de produção de amora orgânica pela instituição.

Os produtos orgânicos se caracterizam por estarem isentos de agrotóxicos e outros materiais sintéticos e para que uma atividade agrícola seja considerada orgânica deve:

[...] ofertar produtos saudáveis e de elevado valor nutricional isento de qualquer tipo de contaminação que ponha em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente; a preservação e a ampliação da biodiversidade dos ecossistemas natural ou transformado, que se insere o sistema produtivo; a conservação das condições físicas, químicas e biológicas do solo, da água e do ar (PELINSKI e GUERREIRO, 2004, p. 52).

A amora apresenta uma possibilidade grande de transformar a fruta em matéria prima principal para fabricação de vinhos; geleias; sorvetes; polpas; sucos; etc. além de seu grande valor nutricional e medicinal. A amoreira é uma planta que produz seus frutos num pequeno período de tempo, novembro a janeiro, havendo uma limitação para fornecer frutos *in natura* para o mercado. Daí verificar-se-á a importância da instalação de uma agroindústria na comunidade para transformar esses frutos em geleias, polpas, sucos, sorvetes etc.

Verificou-se que há possibilidades, devido aos estudos de campo que estão sendo feitos pelo EMATER do município, de implantar na comunidade culturas como morango, framboesa, oliveira, horticultura, assim como, o processamento dos produtos (fabricação de geleias, polpas e sucos com a instalação de uma agroindústria).

O cartograma (1) abaixo, produzido pela prefeitura municipal de Paula Freitas, mostra as áreas de implantação de sedes de associações ou agroindústrias, assim como as comunidades com potencial para fruticultura e horticultura e a construção de centros de comercialização dos produtos produzidos na comunidade pelos agricultores associados. A comunidade do Carazinho faz parte da área delimitada.



Cartograma 1: apoio à fruticultura no município de Paula Freitas
 Fonte: Plano Diretor de Paula Freitas, Paraná

A ideia que prevalece é a construção de um chalé do produtor na comunidade para a realização de feiras de frutas e seus derivados. Os equipamentos chegaram até a associação, porém não há estrutura que comporte as instalações planejadas. Tais equipamentos foram deixados na propriedade de um dos membros da associação. A agroindústria na comunidade iria proporcionar oportunidades de emprego, ainda que temporário, traria desenvolvimento econômico e social a população local. A única fonte de trabalho assalariado para quem não pratica a agricultura como fonte de renda, são os trabalhos como empregado informal (sem contrato) na cultura do fumo, erva-mate, e latifundiários que inserem na comunidade a cultura da cebola e a batata. Abaixo a tabela apresenta os dados de produção em quilos obtidas nas duas ultimas safras pelos agricultores e vendida para empresa Polpa Brasil Desidratados Ltda. – Fraiburgo/SC

SAFRA	QUILOS
2013/2014	12. 121 kg
2015/2016	18.000 kg

Percebe-se um aumento expressivo na produção, mas, segundo Dozorec, com vendas abaixo do esperado. Segundo ele, o preço para comercialização do produto na safra 2013/2014 foi de R\$3,00 o quilo. Na safra 2015/2016 o preço, por quilo, caiu para R\$2,00. Essa expressiva queda nos preços para comercialização tem se revelado em outros produtos da comunidade, como o feijão, a cebola e a melancia.

Quando a fruta é processada e transformada no produto final (geleias, doces etc.) pela empresa Polpa Brasil Desidratados Ltda., a venda desses é feita para outras empresas que compram o produto final da Polpa Brasil como: *Arcor, Bimbo, Cacau Show, Dauper, Garoto, Hershey's, Kellyvys, Kopenhagen, Mabel, Mondelez, Montevergine, Nestle, Parati, Pepsico, Ritter, Sevenboys e trio.* (polpa Brasil, 2017).

No caso estudado, as redes se constituem entre empresas que fornecem mudas e assistência técnica como a Emater, os produtores, as empresas de beneficiamento e comercialização do produto final e os mercados consumidores. Sobre as redes que constituem o processo de produção e comercialização, Dozorec (2016) afirma que a introdução da cultura da amora foi uma forma de dar importância a diversificação das culturas, portanto depende da inserção em redes para que gere benefícios econômicos.

Na figura (2) abaixo, está explicitado à organização social e produtiva da associação, é organizada com o apoio da Emater e seus associados em número de 20, são classificados segundo duas distinções: 10 agricultores produtores de amora, e, 10 agricultores que utilizam das benfeitorias e equipamentos agrícolas da associação.

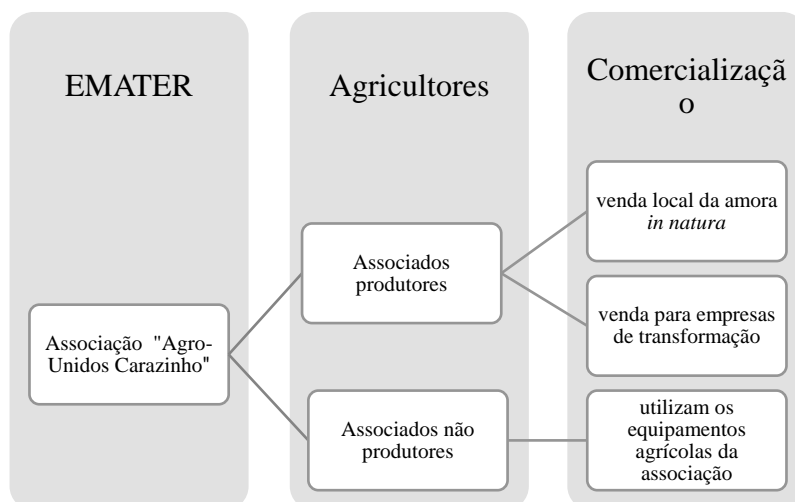


Figura 2: Organização e dinâmica da Associação “Agro unidos Carazinho” organizado pela autora, 2017

Das suas finalidades a associação deverá atuar nos interesses sociais, culturais e econômicos de seus associados, além de financiar a produção agrícola familiar, incentivar a capacitação profissional dos agricultores familiares, assim como solicitar, gratuitamente, alguns implementos agrícolas que beneficiem todos os associados. O estatuto da associação de agricultores da comunidade no seu capítulo 2º relata as ações que devem ser mantidas pela mesma e que tem por objetivo:

[...] II- promover a integração com órgãos públicos com entidades privadas, desenvolvendo projetos e programas em parceria; III- buscar a defesa dos interesses dos agricultores associados em todo os assuntos referentes a produção, beneficiamento, transformação, industrialização e comercialização de safra; IV- prestar serviços de mecanização agrícola aos associados; V- organizar a compra de insumos, máquinas, equipamentos, produtos de uso domésticos e ou necessários às atividades das propriedades rurais; VI- promover o desenvolvimento integrado da agropecuária através do aumento da produtividade [...] visando o aumento de renda [...]; VII- a associação efetuará as suas operações sem qualquer finalidade lucrativa própria, [...] (2007).

A fruticultura Paranaense vem aos poucos acrescentando na produção nacional Pio, Barbosa, Chagas (2007, p. 61), relatam que essa participação do Paraná na produção de frutas

está alterando paulatinamente a sua característica agrícola do binômio soja milho, além de possuir condições edafo-climáticas que proporcionam o cultivo das mais variadas espécies frutíferas.

A cultura da amora foi introduzida no Brasil, segundo Souza (2013, p 04), a partir da década de 70 pela empresa brasileira de pesquisa agropecuária (EMBRAPA). Posteriormente a cultivar foi passando por melhoramentos genéticos e outras variedades foram sendo desenvolvidas. Na comunidade as variedades utilizadas são: a *tupy* – que possui um alto padrão de qualidade e é mais doce que as outras cultivares, e segundo Souza (2013, p. 69), a amora *tupy* é um fruto bastante versátil e apresenta características interessantes quanto ao seu consumo *in natura* ou processado- e a caingangue.

A amoreira preta é uma espécie arbustiva de porte ereto ou rasteiro, que produz frutos agregados com cerca de quatro a sete gramas de coloração negra quando totalmente maduros e sabor ácido a doce ácido. É uma planta rústica que apresenta baixo custo de produção, facilidade de manejo, requer pouca utilização de defensivos agrícolas, sendo, por isso, uma alternativa interessante para cultivo na agricultura familiar (ANTUNES, 2002 *apud* SOUZA, 2013, p.06).

As frutas são colhidas pelos membros que compõem a própria família, havendo assim um trabalho exclusivamente de caráter familiar, armazenadas em caixas ou sacos plásticos específicos e colocados nas dependências da câmara fria. Cada produtor pesa a quantidade de frutos que colheu na sua propriedade e posteriormente armazena a produção na câmara fria. Cada produtor deve identificar as suas caixas e sacos plásticos para posterior venda.

Dependendo da quantidade já existente de amoras colhidas, ou de cada período de tempo estipulado pelos associados com a empresa é que ocorre a retirada dos frutos, já congelados, pela mesma. A maioria da produção é destinada para Santa Catarina devido à falta de recursos para instalar na comunidade uma agroindústria que transforme o produto. Os frutos da amoreira não amadurecem todos de uma só vez percebe-se que existem vários estágios de maturação em único galho, de novembro a janeiro a colheita é realizada todos os dias, sem exceção. Devido ao seu tempo de produção Souza (2013), afirma que:

A produção de geléias é uma alternativa para utilizar frutas fora do padrão de qualidade para consumo *in natura*, contribuindo assim para minimizar as perdas pós- colheita, aumentar o leque de produtos manufaturados, além de agregar valor a essa matéria prima [...] (p. 04).

Mesmo que uma agroindústria não esteja totalmente configurada com sua estrutura no local, já se percebe que formam redes de relacionamento entre os indivíduos que são associados, tal união molda uma forma de desenvolver o local buscando-se alcançar melhores resultados a partir da observação de aspectos econômicos, administrativos e políticos. Tal desenvolvimento não deve ser visto somente na ótica puramente capitalista e econômica. Torna-se uma nova estruturação do espaço rural.

Considerações finais

A associação como um todo necessita de mais atenção e investimentos para melhorar e aumentar a cadeia de diversificação da produção. Entende-se que a comunidade tem potencial para desenvolver o seu território a partir de sistemas de produção como o agroecológico, a partir do associativismo que dinamiza e socializa a participação ativa de pequenos agricultores sendo atores de uma rede de mercado, que gera renda e possibilidades de fortalecer a associação e desenvolver as propriedades dos agricultores familiares a partir do viés agroecológico, bem como, a comunidade como um todo.

A cultura da amora, implantada na associação de agricultores “Agro-Unidos Carazinho”, é caracterizada por se adaptar aos solos e ao clima da região e obter um bom rendimento, utiliza-se de pouca área agricultável para o seu plantio, não há necessidade de contratação de mão de obra para o seu cultivo ou colheita, é cultivada por agricultores caracterizados como familiares, possui uma infinidade de produtos fabricados utilizando-a como matéria prima principal: vinhos; geleias; sorvetes; polpas; sucos; etc. além de seu grande valor alimentício e medicinal.

Verifica-se que com a criação de associações populares a possibilidade existente dos agricultores de crescer economicamente é relativamente alto, aos poucos novas culturas podem ser introduzidas na comunidade e novas formas de agregar valor podem ser experimentadas pelos agricultores. Outro aspecto importante a ser considerado é formação de redes de comercialização com outros pólos de transformação, ou ainda, a implantação de um pólo de transformação na comunidade.

O associativismo dinamiza e socializa a participação ativa de pequenos agricultores para desenvolver o local com base na sua produção, sendo atores de um mercado não muito longo, mas que gera renda e possibilidades de fortalecer a associação e desenvolver as propriedades dos agricultores familiares bem como a comunidade como um todo.

Enquanto grandes propriedades buscam uma economia de escala, produzindo e exportando grandes quantidades de produtos agrícolas, as pequenas (e médias) unidades de produção buscam integrar atividades, concorrendo com o mercado local ou regional e buscando valorizar os seus produtos, produzindo territorialidades complexas, num espaço construído pelo homem.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Fernando. **Ambiente Institucional no Financiamento da Agricultura Familiar**. São Paulo: Polis, Campinas: CERES. UNICAMP, 2006

BUAINAIN, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar R.; GUANZIROLI, Carlos; Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Revista Sociologias**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil vol. 5, núm. 10, jul/dez, 2003, pp. 312-347 Disponível em: <http://www.redalyc.org>, acessado em 03/08/2017

DOZOREC, João. Entrevista. Concedida a Carla Berdnachuk em 27 de junho de 2017. Questionário semi-estruturado.

FACHINETTO, Rochele Fellini; Novas problemáticas sociais. In: Universidade Luterana do Brasil (org.) **Ciências Sociais nas Organizações**. Curitiba: ibpex, 2009. (p. 39 a 48)

HAESBAERT, Rogério; Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A.L; COSTA, B.P da; PIRES, C.L.Z; **A Emergência da multiterritorialidade - a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 19-36

IBGE. Censo agropecuário, agricultura familiar. Rio de Janeiro, 2006

PAULA FREITAS. Estatuto da Associação “Agro-unidos Carazinho”, criada em 03 de setembro de 2003. Última alteração em 2007

PELINSKI, Augusta; GUERREIRO, Eziquiel. **Os Benefícios da Agricultura Orgânica em Relação à Convencional- ênfase em produtos selecionados**. UEPG, revista de ciências humanas, aplicadas, linguística, letras e artes. Ponta Grossa, 12, p.49-72, dez/2004. Disponível em: <http://www.Revistas2.uepg.br>

PETERSEN, Paulo; DAL SOGLIO, Fábio .K; CAPPORAL, Francisco, R; A construção de uma ciência a serviço do campesinato. In: PETERSEN, Paulo (org.) **Agricultura Familiar Camponesa na Construção do Futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009

PIO, Rafael; BARBOSA, Wilsom; CHAGAS, E.A; Novas alternativas para a fruticultura Paranaense. In: BOTELHO, Renato, V; **Anais do I Encontro Paranaense de Fruticultura: Fruticultura Opção de Desenvolvimento Para o Paraná**. Guarapuava: UNICENTRO; 2007

PLANO DIRETOR MUNICIPAL. 2017

www.polpabrasil.com.br. Acessado em 26/06/2017

SACK, Robert David; O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Cristina; FERRARI, Maristela (orgs.) **territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: insular, 2011. p.63-89

SANTOS, Milton; **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp 6*Ed. 2012.

SIMONETTI, D; PERONDI, M.A; KIYOTA,N; OLIVEIRA, J.R; VALANDRO, K; **Os Processos de Diversificação Da Agricultura Familiar: Uma Revisão Literária**. Pato Branco: UTFPR n* 06, 2011. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/>

SOUZA, Ângela Vacaro de; **Pós Colheita e Processamento da Amora-Preta “tupy”**. Tese (doutorado em horticultura) da universidade estadual paulista - faculdade de ciências agrônômicas Botucatu, 2013. Disponível em: <http://www.pg.fca.unesp.br>.

SOUZA, Marcelo Lopes de; Território da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1° Ed: Expressão Popular- São Paulo, 2009. p. 57- 72

TUBALDINI, Maria Aparecida. Uma reflexão sobre o Desenvolvimento Rural e a Agricultura Familiar: o estudo de caso da cachaça artesanal em Ouro Preto (MG). In: MARAFON, Gláucio José; RUA, João; RIBEIRO, Miguel Ângelo. (Orgs.) **Abordagens Teórico-Metodológicas em Geografia Agrária**. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2007. (p. 297-327).